
O PERFIL DO LEITOR CONTEMPORÂNEO

LUIZ ANTONIO GOMES SENNA

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
Rio de Janeiro - Brasil

Este trabalho discute a relação do hipertexto na transformação do perfil básico do leitor contemporâneo, usuário regular de ferramentas informativas veiculadas por softwares de multimídia e pela Internet. Os argumentos empregados para caracterizar o perfil do novo leitor contemporâneo sustentam-se na definição dos modos do pensamento humano, bem como na relação destes com as tecnologias empregadas pelo homem no registro e transmissão de informações. Trata-se de parte de investigação em desenvolvimento pelo Grupo de Pesquisa Linguagem, Cognição Humana e Processos Educacionais, no âmbito do projeto de pesquisa intitulado "A construção do professor integrado à escola construtivista através da linguagem", vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UERJ.

Observando-se a natureza sintética desta exposição, o texto distribui-se em três segmentos contíguos, que abordam, respectivamente: (i) o conceito de "leitor" no âmbito das tecnologias da Idade Moderna, (ii) as características do leitor usuário de mídias que veiculam hipertextos e (iii) os aspectos relevantes do novo perfil de leitor, relativamente à formação de professores e à organização da experiência curricular no ensino básico.

Não se pode determinar que as tecnologias desenvolvidas pelo homem exerçam influência sobre a estrutura quantitativa do pensamento, tendo em vista que esta é regulada por princípios inerentes à própria espécie humana. Por outro lado, entretanto, do ponto de vista qualitativo, as tecnologias não somente podem, como, na maioria das vezes, interferem diretamente sobre o pensamento, uma vez que disponibilizam modelos específicos de experiência. Como cabe à experiência – à luz da tradição pós-piagetiana e suas transformações contemporâneas – substantivar toda a heurística da cognição humana, quaisquer transformações em sua configuração fenomenológica implicam transformações na forma como o pensamento se organiza para dar

conta de sua compreensão.

O conceito de **leitor** consagrado na cultura da Idade Moderna resulta do desenvolvimento de três tecnologias que, embora abordadas aqui como fatos isolados, resultam de um projeto de geração de homens civilizados pela Razão. Tais tecnologias são o **letramento**, a **gramatização** e o **método científico**. Observe-se, então, que tecnologias não se confundem aqui com produtos resultantes da aplicação de técnicas, ou, tampouco, com técnicas isoladas que resultam em ações pontuais e extemporâneas. O texto escrito, por exemplo, não é uma tecnologia e sim, produto de uma tecnologia que também fabricou o seu leitor.

As condições para criação do perfil do leitor que hoje caiu no senso comum deram-se propriamente pelo estabelecimento dos parâmetros e condutas do método científico, em torno das quais se estabeleceu uma ruptura com o modelo natural de funcionamento da mente. No esforço de construção de um juízo isento de subjetividade, o método prescreve um exercício de retardamento ilusório da realidade em devir, cujo resultado consiste na sensação de propriedade sobre a existência concreta dos fatos. A atemporalidade do objeto da Razão Moderna – a qual se pode traduzir, hoje, como ausência de historicidade – vem a permitir que se promova a segmentação do mundo em suas propriedades lógicas, mas traria um custo alto, decorrente do fato de que, uma vez rompida a relação dos objetos com sua própria história, sua consistência objetiva resumir-se-ia na seqüencialidade estritamente lógica que a Razão a ela atribuiu. Por este motivo, toda a investigação da ciência moderna vincula-se necessariamente à construção de um eixo temporal marcado por um início e um fim, ao longo do qual se distribuem os juízos em seqüência regida pela causalidade lógica. Antecipar ou postergar juízos numa cadeia lógica do pensamento científico é proibido pela natureza atemporal do objeto da Razão Moderna.

A percepção de mundo decorrente do método científico, marcada pela linearidade e pela atemporalidade, viria, então, a encontrar consonância com outro processo social, o da **gramatização**, que ocorreu entre os Séculos XV e XVI, consistindo da busca pela sistematização das línguas naturais oficiais das várias nações européias recém-surgidas. O fenômeno da gramatização, qualificado por Adam Schaff como revolucionário, trouxe uma nova consciência sobre a estrutura atômica da fala e já induzia às primeiras normas oficiais da escrita. Contudo, no âmbito do que se discute aqui, a gramatização assinala, sobretudo, a linearidade dos componentes estruturais e semânticos da língua, em perfeita sintonia com a concepção científica do pensamento moderno. A associação da gramática linear das línguas ao modelo científico do pensamento geraria, então, todo um contexto favorável à eleição do **texto escrito** como veículo por excelência de expressão da Razão.

Vem daí, então, o **letramento**, como tecnologia geradora de mentes

habilitadas ao exercício da Razão Moderna, um processo, portanto, muito mais amplo e complexo, do que o simples acesso às letras, como se costuma conceber a alfabetização. O produto do letramento é a concepção clássica de **leitor**, um sujeito que, mais do que leitor de textos escritos, é um leitor de mundo numa perspectiva científica, linear, atemporal e subordinada a relações de causalidade estritamente lógicas.

O leitor clássico é um sujeito passivo, ainda que dele se exija a capacidade de estabelecer relações de causalidade, tanto entre as partes do texto, quanto entre os juízos contidos no texto e outros de juízos de mundo. Sua passividade resume-se no fato de que não pode intervir no próprio texto, devendo submeter-se a sua estrutura, à medida que esta está irrecorrivelmente agregada a uma seqüência causal, determinada internamente, desde o início até o fim. Esta situação de subjugo do leitor perante o texto não passou despercebida ao longo da história e, já a longa data, se desenvolveram alguns recursos para minimizá-la, tais como os índices de matérias, os índices de assuntos ou onomásticos, com os quais se permitem ao leitor romper a seqüencialidade do texto, a fim de localizar informações pontuais segundo seus interesses pessoais.

O status de leitor começou a sofrer transformações substantivas somente ao longo da segunda metade do século passado, quando novos recursos de expressão de juízos e de acesso a eles começaram a ser desenvolvidos e banalizados junto ao povo. As mídias de comunicação pós-imprensa trouxeram ao homem a possibilidade de resgatar a temporalidade dos objetos, sem prejuízo de sua capacidade de se apropriar deles para fins de análise. O surgimento desta possibilidade veio a determinar uma nova tecnologia e, conseqüentemente, um novo modelo de leitor.

A televisão e as mídias magnéticas trouxeram uma contribuição expressiva para a transformação do conceito de **texto** no senso comum, de forma que aquilo que até então se entendia tão somente como objeto da escrita, passa a se compreender como alegoria da realidade em devir, provido da possibilidade de simular objetos temporal e contextualmente constituídos. Isto que, *per si*, já foi responsável por alguma transformação na percepção acerca do objeto da Razão Moderna, cuja natureza lógica se via diante da possibilidade de ganhar algum sentido conceitual de natureza histórica, aguardaria ainda por algumas décadas, até que nova mídia viria a ser desenvolvida, a fim de que pudesse se transformar em geradora de uma nova tecnologia.

Com o desenvolvimento da teleinformática, a humanidade passou a experienciar a possibilidade de capturar e manipular a realidade objetiva em tempo real, o que viria a causar uma verdadeira revolução no sentido e nas práticas do pensamento moderno. Esta nova mídia de captura da realidade objetiva do mundo desencadearia, também, uma outra revolução, que incidiria

sobre a gramatização. O fato é que, com o resgate da natureza histórica do objeto da Razão, tornou-se inevitável o surgimento de um novo ambiente de registro que transcendesse as limitações impostas pela escrita. Surge, então, o **hipertexto**, decorrente de uma ferramenta de programação denominada "linguagem html".

O hipertexto não é apenas um texto escrito com uma nova roupagem, que lhe insere links, mecanismos de interação, alternativas de rolagem etc. Na realidade, o hipertexto revoluciona o conceito de texto, pois que liberta o leitor das limitações impostas pela seqüencialidade dos textos escritos convencionais.

Do mesmo modo que o texto escrito não cria leitores, pois estes são propriamente gerados pelo modo científico do pensamento, o mesmo se dá com o hipertexto: não cria o novo leitor, pois simplesmente atende as necessidades de um leitor formado à luz de um modelo igualmente novo de pensamento científico, pós-moderno, dirigido ao mundo em devir – asseqüencial e histórico. Entretanto, apesar da prerrogativa do modelo pós-moderno de pensamento sobre o hipertexto, no que concerne à formação do leitor do Século XXI, este gera significativas mudanças nas funções e nas condutas de letramento, o que nos remete a indagações sobre o papel da escola na formação dos novos leitores.

O maior custo encontrado pela escola contemporânea para levar a cabo a formação de leitores está em sua dificuldade de incorporar o hipertexto e o mundo em devir a ele subjacente em suas práticas educativas ordinárias. Para que isto se solucione, não basta assumir como meta o jargão de formar "leitores de mundo", porque sua concepção de leitor implica uma concepção de leitura científica de mundo, atemporal e seqüencial, a qual contraria o modelo de experiência de mundo – bem como de leitura de mundo – que o aluno vivencia fora da escola. Ao passo que a escola ainda busca formar um leitor passivo diante de um texto que tem uma lógica interna e irrecorrível, o jovem do mundo do pensamento cotidiano, usuário de hipertextos, busca intuitivamente formar-se um leitor ativo, de um texto que lhe faculte interagir segundo suas (do leitor) diretrizes, com relação direta com o mundo, transitória e em tempo real.

O conflito entre a concepção escolar de leitor e o perfil de leitor contemporâneo, em boa parte, desenvolve-se a partir do modelo de letramento que é desenvolvido junto ao professorado nos cursos de licenciatura. A discussão acerca do perfil de leitor trazida neste trabalho redundará na sugestão de que a questão da formação de leitores no âmbito escolar é, ao mesmo tempo, relacionada a uma concepção sobre os modos de pensamento, sobre o formato de gramatização que se elege como meio de expressão do pensamento e sobre o sentido público disto, no conceito de letramento. Tais aspectos não devem ser desprezados também na esfera da organização curricular da formação de professores, sob pena de que estes não se qualifiquem como futuros agentes de

letramento.